RAÇA E COR: UMA ENTREVISTA COM DAVID BROOKSHAW

COLOR AND RACE: AN INTERVIEW WITH DAVID BROOKSHAW

Cláudia Laitano (UFRGS)
claudia.laitano21@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-6302-1608

Professor aposentado da Universidade de Bristol, no Reino Unido, onde ensinou literaturas de língua portuguesa, e mais recentemente tradutor para o inglês de autores como Mia Couto, Henrique de Senna Fernandes, Onésimo Almeida e José Rodrigues Miguéis, o londrino David Brookshaw seria a grande estrela de um evento de estudos pós-coloniais marcado para o início de abril em Portugal. Pesquisadores de diversos países iriam se reunir em Lisboa para celebrar sua obra e apresentar trabalhos sobre estudos e traduções produzidos por Brookshaw ao longo de mais de 40 anos de vida acadêmica. A homenagem, cancelada por motivos óbvios, dá ideia do crescente prestígio de Brookshaw em Portugal, principalmente em função do seu trabalho como tradutor e divulgador de autores lusófonos. Mas foi no Brasil, e de certa forma via Porto Alegre, que surgiu uma das suas contribuições intelectuais mais interessantes e originais: o ensaio *Raça & Cor na Literatura Brasileira*, em que analisa o negro como autor e personagem. Quando a editora gaúcha Mercado Aberto publicou o livro no Brasil, em 1983, "lugar de fala" era tribuna, Monteiro Lobato não era racista e Machado de Assis era quase branco. Poucos eram os alunos negros nas faculdades de Letras e menos ainda os autores afrodescendentes sendo analisados em trabalhos acadêmicos. Com a curiosidade e o distanciamento de quem se aproximava da literatura brasileira com olhar de estrangeiro, Brookshaw revelava personagens afrodescendentes sendo retratados de forma estereotipada, mesmo por escritores supostamente liberais, e autores negros sendo ignorados ou esquecidos. Nos últimos anos, com o racismo estrutural brasileiro sendo empurrado a fórceps para fora do armário e cada vez mais alunos afrodescendentes tendo acesso às universidades e à oportunidade de questionar a história e o cânone, o estudo de Brookshaw tornou-se uma referência incontornável para quem estuda a presença (ou ausência) do negro na literatura

brasileira. Escrevendo em português, David Brookshaw concedeu a seguinte entrevista por *e-mail.*

1. Quase 40 anos depois do lançamento, seu livro Raça e Cor na Literatura Brasileira *vem sendo muito citado em trabalhos acadêmicos, graças talvez a uma presença mais expressiva de alunos afro-brasileiros nas universidades investigando o assunto. Como começou seu interesse pela nossa literatura e pelo tema do racismo "à brasileira" em especial? Havia algum estímulo para o debate do tema no seu percurso de pesquisa e/ou no seu contexto universitário? O trabalho foi iniciativa sua? Não conseguimos ver se havia edição em inglês, mas parece que foi posterior, certo? Como o livro chegou até a editora gaúcha Mercado Aberto? E, mais importante, por que o livro nunca foi reeditado?*

O meu interesse pelo retrato do negro na literatura brasileira teve sua origem nos meus estudos de licenciatura em Estudos Ibéricos e Iberoamericanos na Universidade de Londres, no início da década de 1970. Frequentei um módulo, regido pelo renomado "brasilianista" inglês Leslie Bethell, sobre a História da Escravidão e Relações raciais na América Latina e no Brasil. Tive que estudar a obra de Gilberto Freyre, mas também fui exposto aos estudos e análises revisionistas de historiadores e sociólogos dos anos 1960 no Brasil, que puseram em questão a teoria da democracia racial no país– pesquisadores como Florestan Fernandes, Otávio Ianni, e até o Fernando Henrique Cardoso, e comparatistas como o historiador americano Karl Degler. John Gledson, da Universidade de Liverpool, e eu somos da mesma geração de brasilianistas aqui no Reino Unido. Eu era mais dos estudos literários. Por isso, quando comecei o doutoramento, decidi analisar o mesmo tópico de um ponto de vista literário, focalizando duas questões que tinham um interesse especial para mim: primeiro, como é que o retrato do negro na literatura tinha evoluído entre os séculos XIX e XX, isto é, na passagem da escravidão para o abolicionismo, e daí para as novas prioridades sociais e culturais do século XX (modernismo, nacionalismo cultural, mestiçagem, marxismo etc.)? Segundo, haveria uma voz especificamente negra, como havia, por exemplo, na literatura norte-americana? A pós-graduação começou em 1972 e terminou com a entrega da tese em 1979. Fiz duas viagens de pesquisa ao Brasil, uma de quatro meses e outra de dois meses, quando já tinha um posto de professor de português na Universidade de Belfast, na Irlanda. Já de volta à Inglaterra, e docente na Universidade de Bristol, conheci a Professora Regina Zilberman (na altura, professora da PUCRS), que visitou o Reino Unido no início dos anos 1980. Ela se interessou pela minha tese,

e levou-a de volta à Porto Alegre com a intenção de interessar a uma editora. Daí o fato de ter sido a editora gaúcha Mercado Aberto a publicar meu livro, cujo lançamento se fez no momento em que eu dava um curso de pós-graduação sobre o tema na PUC. O livro saiu em língua inglesa três anos depois, mas com alguns novos elementos, resultado de maior reflexão e de questões levantadas por Laurence Hallewell, o editor, além de mais uma viagem de pesquisas ao Brasil em 1980. Acho que há várias razões por que o livro nunca foi reeditado. Primeiro, eu me embrenhei em outros projetos, incluindo uma pesquisa sobre o índio na literatura brasileira, que iria resultar num livro que saiu em inglês em 1989 (dessa vez, não houve edição em português). Depois, passei a fazer pesquisas nas literaturas africanas em português. Em segundo lugar, surgiram, entretanto, mais estudos no Brasil sobre a temática da literatura afro-brasileira. E terceiro, houve uma renovada energia na produção literária de autores negros brasileiros (com o fim da ditadura) que exigia uma dedicação difícil de seguir à distância. Por isso, embora me mantivesse interessado no assunto, uma segunda edição, ou até um segundo livro com elementos novos, nunca se apresentou como viável. Fiquei satisfeito que *Raça e cor na literatura brasileira* tenha deixado sua marca nos estudos afro-brasileiros num momento importante na vida intelectual do Brasil (a abertura política, o começo do fim da ditadura, a reemergência de uma intelectualidade negra brasileira).

2. No início dos anos 1980, o tema do racismo estava ainda muito distante da classe média branca, da mídia e mesmo da maioria dos debates intelectuais. A Lei Afonso Arinos, que criminaliza o racismo, só começou a valer mesmo com a Constituição de 1988. Como foi a repercussão do livro na época do lançamento? O senhor tem percebido uma mudança com relação ao tema entre os brasileiros mais recentemente?

Tentei fazer duas coisas com o livro: primeiro, mostrar que o retrato do negro, ou do afrodescendente, na literatura não se coadunava com o grande mito do nacionalismo brasileiro, nomeadamente o de uma harmonia completa entre brancos e negros no país, e segundo, tentar demonstrar que havia uma tradição literária entre escritores afrodescendentes no Brasil, começando com a imprensa negra do início do século XX, retomada nos anos 1940, 1950 e 1960 com movimentos culturais e de solidariedade, uma tradição completamente ignorada pelas grandes histórias da literatura brasileira. Acho que foram esses aspectos do livro que tiveram uma repercussão na época do lançamento. Desde então, claro, a situação evoluiu bastante, com um debate mais sério sobre a situação racial no Brasil, as reformas do governo de Lula, que, de

alguma maneira, respondiam às aspirações e às demandas de uma classe média afro-brasileira muito maior e em ascensão nos meios políticos e culturais num ambiente mais aberto e mais democrático.

3. Como chegou ao estudo dos estereótipos raciais como uma chave de leitura de autores brasileiros dos séculos XIX e XX?

Lembro-me de ter lido, com muito interesse, o estudo do professor de psicologia americano Gordon Allport, *The Nature of Prejudice*, que me abriu os olhos à persistência e ao mesmo tempo à flexibilidade dos estereótipos étnicos e raciais, que servem para manter preconceitos contra certos grupos humanos. Allport utilizava, como exemplos, preconceitos antissemíticos na sociedade americana. Notei essa mesma persistência em relação à visão do afrodescendente na literatura brasileira.

4. Chama a atenção para os leitores de hoje em dia como alguns autores do século XIX, a exemplo de Joaquim Manuel de Macedo, retrataram personagens negros de forma negativa, ainda que, na superfície, estivessem lutando pela abolição da escravatura. A que o senhor atribui o fenômeno dos "abolicionistas racistas"?

A partir de meados do século XIX, a escravidão foi vista como um impedimento para a modernização, tanto econômica quanto política do Brasil. Portanto havia um interesse por parte de um setor da elite cafeeira em abolir a escravidão. Mas isso não significava que essa elite promovesse o avanço do negro na sociedade brasileira. Muito pelo contrário, o abolicionismo começou numa altura em que se justificava pseudocientificamente a noção da inferioridade de certos grupos humanos - os não brancos, por assim dizer. A presença de elevados números de "não brancos" no Brasil era vista como uma vergonha e mais um impedimento para o progresso do Brasil. Daí que, para certos setores, a abolição da escravatura não implicava um abandono do racismo. Muito pelo contrário: implicava um endurecimento, a esperança de que os negros desaparecessem, abandonados à miséria, ou através do branqueamento provindo da mistura com imigrantes vindos da Europa. Essa noção do desaparecimento do negro através do embranquecimento nunca desapareceu da consciência da elite política branca no Brasil.

5. O escritor Monteiro Lobato, outrora um dos mais queridos do país, vem sendo alvo de muitas campanhas de boicote sob a acusação de racismo. Sua posição é clara com relação a isso (sim, ele era racista), mas ao mesmo tempo seu livro aponta traços nacionalistas importantes no escritor. Como um país deveria tratar os erros do passado de seus maiores escritores?

Não podemos nem, acho eu, seria desejável eliminar as memórias do passado e seus erros da consciência nacional. Mas é importante, no sistema educativo, colocar esses erros no seu contexto histórico, ao mesmo tempo em que devemos abrir espaço aos descendentes daqueles que foram vítimas desses erros para contarem a sua verdade, para que esse lado da história entre também na consciência nacional. É preciso ter em mente também que o nacionalismo é uma vertente da história inventada por uma elite, para consumo do resto da população. É preciso contestar essa história. No caso do meu país, por exemplo, o nacionalismo na base de um certo ufanismo imperialista, a noção de um excepcionalismo britânico causou, na sua reencarnação mais recente, a retirada da Grã-Bretanha da União Europeia. Ora, não é uma história com a qual eu me identifico, nem quase metade da população. O mesmo se pode dizer do nacionalismo brasileiro baseado numa visão distorcida das relações raciais, se quiser, um excepcionalismo brasileiro.

6. De que forma os clássicos de Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda alimentaram os estereótipos sobre negros e mestiços, na literatura e fora dela?

O conceito do "homem cordial", elaborado por Sérgio Buarque de Holanda, e a ideia promovida por Gilberto Freye de que a escravidão foi relativamente benigna no Brasil (o contraste é sempre feito com a América do Norte, e, por extensão, com o suposto racismo brutal do mundo anglófono) contribuíram para o mito do Brasil como uma democracia racial, em que o negro aceitava a sua posição por ser "cordial" por natureza. Assim, o negro revoltado se tornou um elemento atípico e antibrasileiro. Não é coincidência que Gilberto Freyre tenha qualificado a literatura negra no Brasil como antibrasileira. Mais tarde, esse conceito foi adotado pelo regime colonial em Portugal para justificar sua permanência em África: o colonialismo português não era colonialismo.

7. Nos últimos anos, o estudo da Música Popular Brasileira passou a fazer parte de muitas faculdades de Letras no Brasil. Examinando a literatura do século XX, quase sentimos falta de

um capítulo que examinasse também a música brasileira, mais permeável à presença de artistas negros, mas nem por isso imune aos estereótipos. No seu livro há uma interessante e ousada abertura para esse tema, com a menção ao caso de Domingos Caldas Barbosa, com alguma extensão aos cantores afrodescendentes da virada do século XIX, como o Bahiano. O senhor acha que a canção conta uma história diferente a respeito do mito da democracia racial?

A sátira entra na música e no canto popular, inclusive nas grandes festas como o Carnaval, permitindo aos afrodescendentes contestar a história oficial, contar outra versão da história e manifestar uma cosmovisão que condiz mais com a experiência vivida pelo negro brasileiro e com a sua maneira de ver o mundo. A cultura popular baseada na oralidade é sobretudo extremamente importante para gente que, por tradição, não tem acesso à educação formal e às letras. Entretanto, em anos recentes, nomeadamente a partir do romance de Paulo Lins, *Cidade de Deus*, surgiu uma literatura das favelas, cujos autores são oriundos daquelas zonas – jovens escritores, como Geovani Martins, já traduzidos no exterior. E não podemos esquecer o Nei Lopes, mais conhecido inicialmente como sambista, mas que generosamente me forneceu os seus poemas, ainda não publicados na altura, para a minha pesquisa, e que agora é autor de livros de ficção altamente conceituados. É inegável a contribuição do negro brasileiro para a MPB, desde a modinha até o funk, mas é importante também a contribuição literária, porque é uma zona em que pode contestar o excepcionalismo branco brasileiro no seu território tradicional. Se a expressão cultural norte-americana tivesse ficado com o jazz e os blues, não teria tido o mesmo impacto a nível nacional e internacional sem as grandes narrativas de Alice Walker, Toni Morrison, Maya Angelou, Richard Wright e James Baldwin, ou a poesia de Langston Hughes.

8. Jorge Amado continua sendo um dos autores brasileiros mais conhecidos fora do país. Como o escritor alimentou tantos estereótipos em seus romances sem que isso chamasse muita atenção dos leitores do século XX?

Há quem diga que o Jorge Amado foi o único romancista verdadeiramente popular que o Brasil produziu. A popularidade de Jorge Amado, acho, se deve em parte à visão do Brasil que o próprio Brasil quer mostrar de si mesmo no exterior, e que os estrangeiros têm do Brasil: um país com uma riqueza cultural mestiça, com traços atrativamente exóticos, onde todos se dão bem (uma evolução do conceito do "homem cordial" e do "lusotropicalismo" de décadas

anteriores). Há uma espécie de populismo cultural na obra de Amado, e, como sabemos, neste tempo de populismos políticos em que vivemos, o estereótipo vem à tona no discurso para benefício dos preguiçosos mentais à procura de explicações fáceis para os seus problemas. Apesar disso, não se pode negar que alguns livros, como por exemplo *Tenda dos milagres*, visto por muitos analistas como o seu melhor romance, faz a crônica da luta dos negros na Bahia para vencer preconceitos ao longo da primeira metade do século XX.

9. O senhor vem acompanhando a literatura produzida no Brasil atualmente? Que autores têm lhe chamado a atenção?

Desde que me aposentei da universidade, dediquei-me quase exclusivamente à tradução literária. Em relação a autores que li recentemente, e até contribuí com traduções de textos destes autores, gosto da obra de Conceição Evaristo, e também fiquei impressionado com *A família Dionti*, de Alan Minas. Participei na edição especial da revista Mānoa (Universidade de Hawaii), intitulada *Becoming Brazil*, com traduções destes dois autores. De resto, fico com os meus favoritos na minha já reduzida estante de livros – Machado de Assis, Moacyr Scliar, Salim Miguel, Carlos Drummond de Andrade. Encomendei *O preto que falava iidiche*, do Nei Lopes, um romance excelente…

10. De que forma o racismo no Brasil se diferencia de outros países que viveram a escravidão?

O problema é que a suposta ausência de racismo no Brasil virou mito nacional, parte integrante do nacionalismo da elite: o Brasil como democracia racial é um mito a par do mito inglês do "Fair Play" (todos são tratados da mesma forma perante a lei) ou o americano "The American Dream" (O sonho americano). O "Fair Play" britânico está longe da realidade e da experiência de jovens negros urbanos, que se veem submetidos diariamente a rusgas policiais nas grandes cidades inglesas. O "Sonho Americano" está longe da realidade de refugiados latinos e africanos que se veem obrigados a atravessar o Rio Grande clandestinamente para entrar nos Estados Unidos, refugiados de guerras criadas e orquestradas muitas vezes por sucessivos governos americanos.

11. O senhor acredita que o racismo está ficando menos "invisível" nos últimos tempos?

Acho que sim, e acho que há várias razões para isso. Em primeiro lugar, a presença de uma classe média maior de afrodescendentes, que se identifica mais como negra. Em segundo lugar, a maior facilidade de comunicação através da internet – a conscientização racial até se manifesta hoje em dia em grupos no Facebook. E em terceiro lugar, mas não menos importante, o próprio Brasil é menos isolado do mundo. De um país de imigrantes, o Brasil, a partir dos anos 1980, passou a ser um país de emigrantes. Há uma diáspora brasileira relativamente grande na Europa e na América do Norte. Não há nada como viajar para ficar mais bem informado. Daí é um passo para questionar as tais "vacas sagradas" do nacionalismo brasileiro!

12. No Brasil, o termo "lugar de fala" tem sido muito usado para criticar autores brancos que escrevem sobre temas ligados ao racismo. Qual sua opinião sobre o assunto?

O problema não é que o autor branco não possa escrever sobre o meio negro e temas ligados ao racismo. O problema surge quando se deixa a impressão, na crítica literária e na mídia, de que o autor branco é o único qualificado a escrever sobre esses temas – quando detém o monopólio sobre o assunto. É um pouco o que acontece com Freyre, Amado etc.: são intérpretes de uma realidade que se apresenta ao mundo. Só no Brasil é que um clássico como *A maldição de Canaan*, do autor Romeu Crusoé, não passou de uma segunda edição em 1955. Esse romance de tese focaliza o tema do racismo a partir da psicologia de ser negro no Brasil. Não é impossível para um escritor branco fazer isso, porque ao fim e ao cabo o drama do racismo e do preconceito não atinge apenas o negro: negros e brancos fazem parte da mesma comunidade humana. Mas, para fazer isso, é preciso possuir uma sensibilidade maior, e uma capacidade de pesquisa e de reflexão. O mesmo se pode dizer de um autor masculino a escrever sobre a experiência feminina ou de um escritor europeu a escrever sobre a China. Por isso, não se deve dizer que a experiência do negro só pode ser expressa por um autor negro, da mesma forma que não se deve dizer que a literatura africana feita por autores brancos não é autenticamente africana. Digo isso como tradutor dos livros do Mia Couto. Na nossa procura da "autenticidade", não podemos viver isolados uns dos outros. Ao fim e ao cabo, há autores negros na Inglaterra que escrevem sobre a Inglaterra, e são tão ingleses como um branco, ou melhor, são ingleses com uma experiência específica que todos têm um interesse em conhecer e celebrar.

Entrevista submetida em: 18 ago. 2022
Aceita para publicação em: 18 ago. 2022
DOI: https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.126623